

# SUZANNE BRIET E A DOCUMENTAÇÃO COMO TÉCNICA CULTURAL

*Marilda Lopes Ginez de Lara*

Professora Associada da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação na mesma instituição. Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Bolsista Produtividade em Pesquisa pelo CNPq.  
E-mail: [larama@usp.br](mailto:larama@usp.br)

*Luciana Cortes Mendes*

Doutoranda em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo, bolsista pela CAPES e Visiting Student Researcher na UC Berkeley School of Information com bolsa sanduíche pelo CNPq.  
E-mail: [luciana.cortes.mendes@usp.br](mailto:luciana.cortes.mendes@usp.br)

## RESUMO

Procura-se situar o trabalho de Suzanne Briet relativamente à sua época. Analisa-se o conceito de técnica cultural procurando caracterizar o documento secundário como sua expressão. Considera-se a importância das reflexões da autora no que tange às relações entre a técnica cultural e a delimitação do perfil do profissional de documentação.

**Palavras-chave:** Documentação. Suzanne Briet. Técnica cultural.

## SUZANNE BRIET AND DOCUMENTATION AS CULTURAL TECHNIQUE

## ABSTRACT

The article aims to locate the work of Suzanne Briet within her context. The concept of cultural technique is analysed and the secondary document is characterised as its expression. The importance of the author's reflections with regard to the relationships between cultural technique and the delimitation of the profile of the documentation professional is assessed.

**Keywords:** Documentation. Suzanne Briet. Cultural technique.

## 1 INTRODUÇÃO

Muitos são os aspectos que poderiam ser explorados do texto *Qu'est-ce que la documentation?*, de Suzanne Briet (1894-1989). Neste trabalho, procuraremos refletir sobre a forma como Briet utiliza o conceito de documento e de técnica cultural e como eles têm implicações na delimitação do fazer profissional do documentalista. Para realizar a discussão tomamos como ponto de partida sua definição de documento e, em seguida, procuramos explorar a caracterização que ela faz da atividade, cujos traços delimitam um novo tipo de trabalho que tem no documento seu objeto principal. Por último, discutimos o perfil do profissional documentalista.

A importância de Briet se relaciona, entre outras, à delimitação de um gênero de atividade que nasce de necessidades primordialmente ligadas à ciência e à indústria. Na ótica de Day (2007), em termos práticos, Briet é uma das figuras mais importantes do movimento da documentação europeia, movimento esse que em termos intelectuais seria um dos responsáveis pela antecipação da Ciência da Informação.

Seria importante identificar que influências Briet sofreu de pensadores de seu tempo, em especial provenientes de áreas como a Linguística, a Semiologia e/ou Semiótica da época, além das oriundas de outras áreas do conhecimento que discutem o estatuto das técnicas e a questão do internacionalismo. No entanto, com raras exceções, ela não faz citações. Seu texto é antes um manifesto modernista (BUCKLAND, *online*), razão pela qual a avaliação de seus efeitos depende do poder de persuasão de seus argumentos, mais do que de referências a outros autores. Procuraremos, todavia, discutir que características têm a proposta de Briet se considerarmos as concepções dominantes sobre signo e signo linguístico à época e, do mesmo modo, o que pode estar subjacente à afirmação da documentação como técnica cultural.

Não esgotaremos, neste artigo, a menção aos diversos trabalhos já elaborados sobre Briet, mas destacaremos alguns deles sempre que as afirmações corroborarem às nossas reflexões a respeito das posições da autora.

## 2 O QUE É DOCUMENTO?

O documento é, para Briet, mais do que o registro ou a prova de um fato, definição que ultrapassa os limites de uma concepção tradicional. O documento é base de conhecimento registrado, é signo. Nas suas palavras, o documento é “todo indício [ou índice], concreto ou simbólico, conservado ou registrado, com a finalidade de representar, reconstituir ou provar um fenômeno físico ou intelectual”<sup>1</sup> (BRIET, 2016, p. 1). Segundo a própria Briet (2016), esta proposta de definição resulta de análise de discussões da linguística e da filosofia, embora ela não cite os autores que teria analisado.

O estatuto sógnico do documento caracteriza-o como algo que “projeta e atribui um contexto” (FAYET-SCRIBE, 2016, p. 60) e os exemplos que Briet fornece do que seriam documentos demonstram o fato, além de enfatizar “como e em quais contextos sociais e

---

<sup>1</sup> [...] « tout indice concret ou symbolique, conservé ou enregistré, aux fins de représenter, de reconstituer ou de prouver un phénomène ou physique ou intellectuel » (BRIET, 1951, p. 7).

discursivos documentos são signos indiciais” (DAY, 2006, p. 48). Essa perspectiva que permite caracterizar o documento como signo tem forte relação com a semiótica peirciana, segundo a qual o signo, ou *representamen*, representa um objeto e produz interpretantes cujas diferentes manifestações dependem de contextos, experiência colateral e situações comunicativas, caracterizando um processo de semiose (PEIRCE, 1977). Segundo Fayet-Scribe (2012), a definição de Briet não é fixa, não classifica, antes migra ou projeta o documento para ser interpretado em diferentes contextos de recepção. “É uma indexação que cria uma permanência documentária” (FAYET-SCRIBE, 2016, p. 60), provavelmente no sentido de que cria, com o registro, um ponto de partida para a interpretação. Na condição de signo, o documento é passível de ser lido sob diferentes chaves, acrescentaríamos.

O fato de que um determinado documento foi criado, conservado ou registrado para representar, reconstituir ou provar poderia ingenuamente levar à ideia de que essa espécie de permanência documentária, aludida por Fayet-Scribe, incluiria a possibilidade de recuperar uma ideia inicial veiculada intencionalmente no documento. Não é esse seu entendimento, porque a condição sígnica dispara necessariamente um processo semiótico, a semiose, mostrando que a informação da linguagem não é semelhante à informação da mensagem.

Ideia semelhante é defendida por Day, para quem a noção de prova que Briet traz para o conceito de documento “começa com constelações de referências em vez do ‘fato’ auto-enunciador” (DAY, 2006, p. 48). Segundo o autor, “entender signos como índices em vez de representações diretas ou essenciais é um passo importante para nos ajudar a entender documentos não como sendo sobre fatos, mas sobre a possibilidade de fatos, mesmo em sua ausência” (DAY, 2016, p. 59). Mais que isso, “a definição de documentos como sendo prova ou evidência é imediatamente problematizada por ela como sendo incompleta”, uma vez que Briet modifica a definição “com a qualificação adicional de que o documento é um índice (um signo indicial)” (DAY, 2016, p. 58). Para o autor

esta qualificação remove tanto documentos como evidência da esfera da ‘nomeação direta’ (onde o nome e o nomeado, como a definição e o que é definido parecem permanecer na mesma escala de significação, mesmo se duas formas documentárias – por exemplo, a transição de um artigo para seu resumo – mudam) para um mundo que indica entre diferentes regimes ou sentidos (DAY, 2016, p. 58).

Para Fayet-Scribe (2017, *online*), os documentos rompem com a ordem do livro e são reivindicados para novos usos: servem de prova judiciária, científica e para a tomada de decisões administrativas, financeiras, econômicas e industriais. Deve-se à abordagem de Briet tanto a consideração do documento na forma de livro tradicional, como da atribuição a ele de uma nova dimensão semântica e semiológica. Em resumo do trabalho apresentado à ISKO França, em 2017, a autora refere-se aos trabalhos de Michael Buckland quando afirma que o documento passa “de um *status* auxiliar para o de agente dinâmico do capital intangível na sociedade”.

Day afirma ainda que:

A noção de Briet de documentos, contudo, muda a fundamentação da evidência para aquela da própria definição da evidência por meio de processos sociais de criação ontológica e formação discursiva. Documentos são evidenciais somente por causa de sistemas sociais e culturais de designação e discursos. E, portanto, coisas (tais como antílopes) podem ser documentos, porque são tratadas não somente como signos, mas como um tipo muito específico de signo que vai além dos ‘sinais’ que têm apenas funções de denominação, isto é, índices. Documentos não são mais sobre coisas, mas são coisas que são ‘sobre’. A maneira pela qual coisas vêm a ser ‘sobre’, ou evidência, é o processo de criação de significado, e apesar de Briet não ir muito longe nessa investigação, estas são possibilidades e limites de sentido que sistemas culturais e sociais atribuem aos signos como significativos ou signos ‘semióticos’ (DAY, 2016, p. 58-59).

Considerar o documento como signo também o insere num processo semiótico, do que decorre que as representações do documento em um sistema de informação são, também, interpretantes, leituras possíveis, nunca definitivas e dependente dos contextos e experiências colaterais que, por essa razão, não esgotam seu poder de significação. Significa reconhecer a representação do objeto como uma construção que ultrapassa uma simples inscrição organizada. O documento é a base material da atividade documentária e, ao mesmo tempo, algo cujo sentido não se esgota nele mesmo à medida que mobiliza uma rede de outros signos.

A atividade documentária assentada na materialidade da informação não é isenta, neutra, mas situacional, contextual, e seria um perigo considerá-la como independente de sua condição necessariamente processual. Por consequência, a inserção dos documentos em sistemas informacionais, através do trabalho dos documentalistas, não ocorre num vazio e tem consequências na oferta de sentido, na possibilidade de

apropriação e de transformação da informação. Embora Briet provavelmente não tenha sido a primeira a caracterizar o documento como signo, a projeção de seu trabalho, mesmo que tardia e não uniforme geograficamente, altera e delimita melhor a atuação profissional no campo da Documentação.

### 3 A DOCUMENTAÇÃO COMO TÉCNICA CULTURAL

No início de seu livro *Qu'est-ce que la documentation?*, Briet afirma que “a documentação [...] aparece aos olhos de muitos como ‘uma *técnica cultural*’ de novo tipo” (BRIET, 2016, p. 5, grifo da autora). Mais adiante, ela aprofunda esta noção:

É chegado o momento de provar que o exercício da documentação, com todas as suas possibilidades e com o aperfeiçoamento de todos seus meios constitui efetivamente uma *técnica cultural nova*. A documentação torna-se cada vez mais técnica, como trabalho especializado. Le Rolland nos diz que aquilo que a mão leva à mente, como um trabalho em parte manual, serve à cultura, isto é, enriquece o homem. E cita Julian Huxley: ‘as mãos recebem uma imagem tátil, exata, daquilo que manuseiam, os olhos, um complexo padrão visual do que veem. [...] A mais perfeita definição dos objetos através do pensamento conceitual foi sucedida pelo domínio ainda maior sobre eles por meio das ferramentas e das máquinas’. A mão serviu ao espírito; a ferramenta desenvolveu o cérebro. O cérebro, em troca, guiou a mão. Tal é a onipresença da inteligência. ‘A documentação está para a cultura assim como a máquina está para a indústria’ (Pagès) (BRIET, 2016, p. 11, grifo da autora).

No artigo *Bibliothecaires et documentalistes*, Briet volta a falar sobre a Documentação enquanto técnica cultural e a tratá-la como uma fábrica intelectual:

uma inevitável industrialização do trabalho intelectual colocou em funcionamento as máquinas (organismos e ferramentas) que tornaram necessária a evolução de uma nova técnica cultural que será socialmente decisiva em pouco tempo<sup>2</sup> (BRIET, 1954, p. 44).

Em *Qu'est-ce que la documentation?*, Briet também destaca uma metáfora da agricultura ao citar Simons, sem referenciar obra ou pessoa, que

---

<sup>2</sup> [...] une industrialisation inévitable du travail intellectuel a mis en place la machinerie (organismes et outillage) que rendait nécessaire l'évolution d'une technique culturelle nouvelle qui sera socialement décisive d'ici peu de temps [...].(BRIET, 1954, p. 44).

comparava as bibliotecas a um depósito de fertilizantes que os especialistas estariam incumbidos de espalhar nos campos para torná-los férteis. Diríamos que os documentalistas são técnicos de uma fertilização melhorada das áreas próximas ou distantes da cultura científica. Enquanto a leitura pública interessa às massas, a disseminação da documentação visa a especialistas escolhidos (BRIET, 2016, p. 15).

Em seguida, Briet define técnica documentária como uma especialização cultural: “o trabalho documentário — baseado na especialização cultural — corresponde a uma atividade cuja *especificidade* não precisa ser demonstrada. O que chamamos de ‘técnica documentária’ é um conjunto de técnicas de combinação original e múltiplas aplicações” (BRIET, 2016, p. 15, grifo da autora).

Antes de discutirmos melhor o que técnica cultural significa para Briet, procuraremos recuperar os sentidos que o termo adquiriu, suas origens e derivações.

O conceito de ‘técnicas culturais’ (no plural) ganha proeminência pela primeira vez no século XIX, referindo-se “a procedimentos de melhoria em larga escala como irrigação e drenagem de terras aráveis, retificação de leitos de rios ou construção de reservatórios de água”, incluindo “também o estudo e prática de hidrologia e geodesia” (WINTHROP-YOUNG, 2013, p. 4-5). Desse modo, o conceito surge para fazer referência à engenharia rural ou ambiental (WINTHROP-YOUNG, 2013).

É significativo que na origem do termo ele se ligue de algum modo às técnicas aplicadas à terra, tal como ocorreu com o conceito de cultura primeiramente associado a um processo – “cultura (cultivo) de vegetais ou (criação e reprodução) de animais e, por extensão, cultura (cultivo ativo) da mente humana” (WILLIAMS, 2000, p. 10). Esse significado retoma, do latim, o sentido de “desenvolvimento das faculdades intelectuais por meio de exercícios apropriados”, acepção que foi usada até o final do séc. XVII na Europa (GENTILE; ZABALA, 2018, *online*). No final do século XVIII, principalmente no alemão e no inglês, o termo cultura foi usado para se referir à configuração ou generalização do ‘espírito’ que informava o ‘modo de vida global’ de um povo (WILLIAMS, 2000). Em seguida, o termo foi usado no plural – ‘culturas’ – para realizar a diferenciação do que hoje diríamos ‘civilização’ (WILLIAMS, 2000). “Esse termo pluralista amplo foi, pois, de especial importância para a evolução da antropologia comparada no século XIX, onde continuou designando um modo de vida global e característico” (WILLIAMS, 2000, p. 10-11).

O termo técnica cultural ganhou nova significação nos anos 1970 no contexto da academia alemã, onde passou a ser “relacionado à crescente consciência da mídia moderna – isto é, análoga e crescentemente digital – como os dúbios modeladores da sociedade”, ou seja, “falar de técnicas culturais neste contexto é reconhecer as habilidades e aptidões necessárias para dominar a nova ecologia da mídia” (WINTHROP-YOUNG, 2013, p. 5). Em pouco tempo, entretanto, o conceito é expandido retrospectivamente a habilidades tais como contar e escrever e foi se desenvolvendo ao longo do século XX e início do século XXI com o sentido de “cadeias de operações que ligam humanos, coisas e mídia” (WINTHROP-YOUNG, 2013, p. 16).

Na detalhada definição de Krämer e Bredekamp, as técnicas culturais:

são (a) processos operativos que possibilitam o trabalho com coisas e símbolos; (b) elas são baseadas na separação entre um ‘saber como’ implícito e um ‘saber aquilo’ explícito; (c) elas podem ser entendidas como habilidades que tornam habituais e regularizam os movimentos do corpo e que se expressam em práticas fluidas cotidianas; (d) ao mesmo tempo, essas técnicas podem fornecer a fundamentação estética e técnico-material para a inovação científica e novos objetos teóricos; (e) as inovações da mídia originadas no despertar das técnicas culturais em processo de mudança são localizadas em uma reciprocidade de impresso e imagem, som e número que, por sua vez; (f) abre novos espaços exploratórios de percepção, comunicação e cognição; e (g) esses espaços exploratórios aparecem onde fronteiras disciplinares se tornam permeáveis e revelam fenômenos e relacionamentos cujo perfil não coincide com as fronteiras de disciplinas específicas (KRÄMER; BREDEKAMP, 2013, p. 27).

Briet utiliza o termo técnica cultural na década de 1950 com a conotação que ele viria a desenvolver no futuro, mas ela própria desenvolve o conceito ao longo do texto. Comparando as atividades documentárias a práticas de cultivo da terra e à industrialização, Briet extrapola o conceito de técnicas culturais ligado diretamente à terra e o utiliza metaforicamente em relação à área do trabalho intelectual, fazendo uso de imagens comuns na modernidade europeia, da qual o movimento da Documentação faz parte:

As condições culturais dentro das quais Briet vê a documentação nascer são aquelas da modernidade industrial e seus modos de produção através de técnicas, ferramentas e várias combinações destas. Para Briet, técnica e tecnologia – produção por meio do ‘cérebro’ e da ‘mão’ – correm paralelamente uma a outra e convergem na produção moderna (DAY, 2006, p. 53).

Day (2006) acredita que Briet quer dizer que a Documentação é mais do que uma técnica cultural no sentido de se adequar a modos culturais específicos de produção, pois ela seria uma técnica cultural exemplar e necessária da modernidade como um todo, uma vez que ela é um sintoma do próprio desenvolvimento social da modernidade ocidental.

O fato de a Documentação nascer em meio a condições culturais específicas da modernidade industrial mostra a inserção de Briet no modo cultural da época. Harvey (1992), ao caracterizar a visão de mundo do modernismo universal, cita a revista de arquitetura PRECIS 6 (1987, p. 7-24):

Geralmente percebido como positivista, tecnocêntrico e racionalista, o modernismo universal tem sido identificado com a crença no progresso linear, nas verdades absolutas, no planejamento racional de ordens sociais ideais, e com a padronização do conhecimento e da produção (PRECIS 6, 1987, p. 7-24, citado por HARVEY, 2002, p. 19).

A modernidade surge no século XVII tendo a razão como referencial de conhecimento e a experimentação como modo padrão de conhecimento da natureza, processo através o qual o mundo poderia ser dominado, imitado e submetido à razão (ARENDDT, 1998; BRUBAKER, 1984; MATTELART, 2006; SANTOS, 2010).

Fundamentalmente processual, subjaz ao modo moderno de conhecer a metáfora da fertilidade natural da vida e a glorificação do processo biológico, concepção que leva a que ferramentas percam seu caráter instrumental e desapareça a distinção entre o homem e seus utensílios, de modo que o ritmo mecânico substitui o ritmo corporal (ARENDDT, 1998; HARVEY, 2002). Desse modo, “a imagem da máquina, constituída por diversas peças engrenadas entre si, aos poucos se impõe” (ORTIZ, 1991, p. 205), levando o mundo a ser visto de maneira mecanicista e, por conseguinte, ao desenvolvimento do industrialismo (CANOVAN, 1998; GIDDENS, 1991; KUMAR, 2006; ORTIZ, 1991).

Enquanto o industrialismo embasa materialmente a modernidade, o Iluminismo a fundamenta filosoficamente. Ao criticar a autoridade tradicional e sendo conduzido pelas ideias de progresso, ciência, razão e natureza, o Iluminismo buscava romper com a história e a tradição e orientar a humanidade por seu projeto de futuro e não mais pela autoridade do passado, de modo a que se iniciasse uma era de prosperidade e progresso material, onde justiça, moral e sociedade seriam aperfeiçoadas (HABERMAS, 1981; HALL, 2002; HAMILTON, 1992; HARVEY, 2011; TODOROV, 2008). A ideia era usar o acúmulo de conhecimento gerado por muitas pessoas trabalhando livre e criativamente em busca da

emancipação humana e do enriquecimento da vida diária” (HARVEY, 2002, p. 23) com o desenvolvimento de formas racionais de organização social.

Embora movimentos de reação às ideias iluministas já existissem, como o movimento romântico do século XVIII e os movimentos artísticos do início do século XX, e embora qualquer periodização seja complexa, é possível dizer que na década de 1950, quando da publicação de *Qu'est-ce que la documentation?*, ainda predominavam os ideais iluministas. Essa fase do pós-guerra conheceu o crescimento do capitalismo e a intensificação do uso de máquinas, mantendo-se fortes tanto o ideal de controle da natureza por meio de técnicas e por um modo de organização racional, bem como a crença na objetividade e na possibilidade da existência de uma única representação correta do mundo: “uma versão capitalista corporativa do projeto iluminista de desenvolvimento para o progresso e a emancipação humana assumira o papel de dominante político-econômica” (HARVEY, 2002, p. 42).

Pode-se afirmar, portanto, que o projeto de Briet estava mergulhado nesse modo cultural, de forma que a técnica cultural proposta era o resultado das relações entre uma ordem social e econômica e uma ordem cultural.

A técnica cultural da Documentação pode ser interpretada, na visão de Briet (2016), como a utilização de processos (como por exemplo, a indexação) e de instrumentos para tratar os documentos com o objetivo de colocá-los à disposição de públicos específicos, fundamentalmente ligados à ciência e à indústria, de modo a atender às suas necessidades.

*As ferramentas documentárias* funcionariam como instrumentos “intermediários práticos entre os documentos gráficos e seus usuários” (BRIET, 2016, p. 3) e como “instrumental do trabalho mental” (BRIET, 2016, p. 6). Elas permitiram às agências de documentação a produção de “documentos secundários, derivados dos documentos primários, os quais, via de regra, não criam, mas que, algumas vezes, conservam” (BRIET, 2016, p. 21). A Documentação surge para auxiliar acadêmicos nos passos do trabalho intelectual – ordem, marcação e seleção – em um mundo dotado de um novo ritmo. A habilidade de um acadêmico de encontrar os documentos que o interessam depende da leitura de uma determinada documentação (conjunto de documentos) por parte de centros de documentação e pela produção de documentos secundários, ‘substitutos’ dos primeiros.

Vê-se, portanto, que o que está em jogo, na expressão ‘técnica cultural’ é o uso de ferramentas e métodos (técnicas) específicos cujo resultado é a produção de um novo documento: o documento secundário como o instrumento *sui generis* que deverá servir para responder às demandas criadas pela modernidade industrial. A produção do documento secundário é o resultado dessa nova técnica cultural, ou melhor, é especificamente uma técnica cultural. Ao propor a figura do documento secundário, Briet define o núcleo da atividade documentária ao mesmo tempo que a estende a outros dispositivos além do livro, de onde é pertinente falar em documentação museológica, documentação arquivística e etc. Todas essas atividades partem de um objeto que, por processos de seleção e registro e organização, permitem documentar o acervo de uma instituição.

Podemos, então, reescrever o que afirmamos anteriormente. A centralidade do documento inaugura a Documentação, uma técnica cultural e uma nova área de reflexão e de trabalho concreto já proposta por Paul Otlet, em seu *Traité du Documentation*, em 1934. Essa técnica cultural é uma consequência do reconhecimento da importância das novas mídias além do livro tradicional, bem como da necessidade de métodos e ferramentas específicos voltados para a produção do documento secundário como meio de responder às demandas colocadas pela modernidade industrial. Assim, pode-se afirmar que o documento secundário é o produto de uma técnica cultural datada e peça central da atividade da Documentação, qualquer que seja seu ambiente institucional.

#### **4 TÉCNICA CULTURAL E A DELIMITAÇÃO DO PERFIL PROFISSIONAL DO DOCUMENTALISTA**

O desenvolvimento de uma nova técnica cultural específica para a produção de documentos secundários que têm como ponto de partida objetos e documentos em mídias diversas implica a delimitação do perfil de um novo profissional: o documentalista.

Em *Qu’est-ce que la documentation?*, Briet descreve um novo tipo de atividade que se desenvolve “fora das bibliotecas, mas também nas bibliotecas”, um novo setor voltado à “informação especializada, científica, técnica, administrativa, que se manifesta em territórios limitados (empresas, associações, poderes públicos, paraestatais, etc.) e cuja forma é não enciclopédica” (FAYET-SCRIBE, 2016, p. 57). Trata-se de um setor que realiza

tratamento de documentos cujos suportes são heterogêneos e que requer novos instrumentos de gestão.

Centros de documentação e documentalistas foram:

responsáveis pela unificação de uma ampla variedade de ‘fontes de informação’ de uma maneira proativa e institucionalmente alicerçada, traduzindo materiais quando necessário e se mantendo a par do trabalho dos pesquisadores e de suas necessidades potenciais antes de serem solicitados a recuperar a informação. A noção de ‘cultura’, em seu livro, ao mesmo tempo que se refere especificamente a ‘culturas’ profissionais e industriais – ou formas profissionais de vida e de vocabulário – pode também ser estendida a culturas nacionais ou étnicas mais amplas. Ela pode incluir a necessidade de bibliotecas públicas ou centros de documentação públicos para literalmente falar a língua e entender os modos de vida de usuários de diferentes grupos étnicos e linguísticos – e assim servi-los de dentro em vez de demandar que eles venham ao espaço físico das bibliotecas e aprendam a linguagem um tanto exotérica e técnica da organização do conhecimento da biblioteca, assim como sua linguagem conversacional dominante (DAY, 2007, p. 21).

A técnica cultural que caracteriza a Documentação pressupõe um trabalho organizado coletivamente. O traço coletivo é mencionado por Briet (2016) para falar do trabalho de equipe de pesquisadores, cientistas ou estudiosos que participam de uma atividade industrial, comercial, administrativa, docente e etc., e “pode, em certos casos, atingir uma verdadeira *criação*, por justaposição, seleção e comparação de documentos e produção de documentos auxiliares. O conteúdo da documentação é então interdocumentário” (BRIET, 2016, p. 9, grifo da autora).

A atividade do documentalista é a produção de “documentos secundários, a partir de documentos originais que se convencionou chamar documentos primários. Ele os traduz, resume, copia, fotografa, publica, seleciona, compara, coordena” (BRIET, 2016, p. 14-15). Essa produção ocorre nos centros de documentação, que Briet entende serem organizados “à semelhança das fábricas com sua cadeia documentária” (2016, p. 34), afirmação que reforça a percepção de que ela aceitava os ideais iluministas e capitalistas modernos.

Os centros de documentação realizam pesquisas no campo integral de uma especialidade abrangendo publicações em qualquer língua e de qualquer país. Eles mantêm à disposição de seus usuários diretos, internos e externos, os documentos primários que coletaram, bem como os secundários ou ‘subprodutos’ elaborados a partir dos primeiros (BRIET, 2016).

Para Briet (2016, p. 29), “os documentalistas devem poder selecionar, compreender, traduzir, interpretar, utilizar, no sentido intelectual da palavra, os documentos que estejam a seu cargo, de acordo com a especialidade da instituição que os emprega”, o que faz com que “a especialização cultural [tenha], pois, para o documentalista, uma importância maior ainda do que para os profissionais da conservação de documentos”.

Day (2007) observa que o entendimento de documentação ou informação de Briet, mais do que relacionado a necessidades individuais e psicológicas, tem como base demandas institucionais e culturais para permitir a execução de tarefas ou para responder a perguntas feitas em situações sociais e culturais específicas. O documentalista tem de ser capaz de fazer coisas com documentos em quaisquer das suas mídias e gêneros.

O documentalista seria o agente do “corretivo da especialização” (BRIET, 2016, p. 12), já que o pesquisador, fechado nos limites da sua especialidade, precisa ser guiado. O documentalista, então, deve orientar o pesquisador a se mover nas fronteiras de um assunto, bem como na prospecção de fontes de pesquisa.

Ainda para caracterizar a atividade do documentalista, Briet mostra que seu objeto de trabalho é fruto das atividades administrativas, das publicações periódicas oficiais, do processo, da circular, do relatório. Esses documentos “são tratados como *elementos documentários* e não como livros de uma biblioteca” (BRIET, 2016, p. 13, grifo nosso). Escapa às bibliotecas os documentos produzidos no cotidiano das instituições, bem como falta a elas a agilidade de respostas que devem caracterizar a atividade dos documentalistas (BRIET, 2016).

Os documentalistas têm sua origem num ambiente cultural especializado, dominam técnicas relativas à seleção e tratamento de documentos, cuidando não só de sua preservação física e intelectual, como de sua interpretação e disseminação. “Arquivista, bibliotecário e conservador de museu, nosso documentalista é tudo ao mesmo tempo” (BRIET, 2016, p. 14) mas é necessário, “– ao lado da especialização cultural inicial – que conheça técnicas das profissões com as quais de fato se relaciona” (BRIET, 2016, p. 14) e que produza documentos secundários. Deve dominar uma ‘técnica documentária’, ou um “conjunto de técnicas de combinação original e múltiplas aplicações” (BRIET, 2016, p. 15).

Além disso, mais do que dedicar-se às questões do tratamento patrimonial e expositivo, tem de lidar com a “normalização, a classificação, a organização do trabalho documentário dentro de uma instituição e a disseminação de documentos para os usuários” (BRIET, 2016, p. 15), temas sobre os quais Briet se debruça detalhadamente referindo-se a programas de ensino dos documentalistas ou ao conteúdo da profissão.

A técnica cultural que mais caracteriza o perfil do documentalista é, enfim, a produção de documentos secundários. Para Frohmann (2014, *online*), “é o fluxo de documentos secundários” que transforma a Documentação na “técnica cultural do nosso tempo”.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ideias de Briet relativas à Documentação são fundamentalmente enraizadas no pensamento de seu tempo. É possível identificar nas concepções de Briet ideias comuns à modernidade europeia, como as comparações dos processos biológicos às máquinas ou a do trabalho intelectual à indústria, além de sua crença no progresso. Concebendo a Documentação como uma técnica cultural no contexto da cultura moderna europeia, Briet caracteriza o trabalho realizado por documentalistas de modo semelhante àquele dos trabalhadores industriais, focando a importância do trabalho coletivo e especializado na produção do documento secundário, o produto, por excelência, dessa técnica cultural. Briet constrói a ideia de uma área e de uma profissão relacionadas ao intelecto e à cultura, em consonância com as necessidades de seu tempo.

## REFERÊNCIAS

- ARENDET, H. **The human condition**. 2. ed. Chicago: Chicago University Press, 1998.
- BRIET, S. Bibliothecaires et documentalistes. **Revue de la Documentation**, Bruxelles, v. 2, n. 2, p. 41-45, 1954.
- BRIET, S. **O que é a documentação?** Brasília: Briquet de Lemos, 2016.
- BRIET, S. **Qu'est-ce que la documentation?** Paris: EDIT, 1951.

BRUBAKER, R. **The limits of rationality**: an essay on the social and moral thought of Max Weber. London: Routledge, 1984.

BUCKLAND, M. **Suzanne Briet, 1894-1989**: Madame Documentation. Disponível em: <<http://people.ischool.berkeley.edu/~buckland/briet.html>>. Acesso em: 5 jul. 2018.

CANOVAN, M. Introduction. In: ARENDT, H. **The human condition**. 2. ed. Chicago: Chicago University Press, 1998.

DAY, R. "A Necessity of Our Time": Documentation as "Cultural Technique" in What Is Documentation? In: BRIET, S. **What is Documentation?** Lanham: Scarecrow Press, 2006. p. 47-63.

DAY, R. All that is the case: documents and Indexicality. **Scire**: Representación y Organización del Conocimiento, Zaragoza, v. 22, n. 1, p. 57-63, 2016.

DAY, R. Suzanne Briet: An Appreciation. **Bulletin of Association for Information Science and Technology**, [Silver Spring], v. 33, n. 2, p. 21-22, 2007.

FAYET-SCRIBE, S. Suzanne Briet, héritière d'une généalogie de pionniers francophones. De la table de matières à l'âge de l'indexation [resumé]. In: COLLOQUE INTERNATIONAL D'ISKO-FRANCE, 11., 2017, Paris. **Fondements épistémologiques et théoriques de la science de l'information-documentation**: hommage aux pionniers francophones. Disponível em: <<http://www.isko-france.asso.fr/colloque2017/fr/sylvie-fayet-scribe/>>. Acesso em: 03 jul. 2018.

FAYET-SCRIBE, S. Vocês conhecem Suzanne Briet? In: BRIET, S. **O que é documentação?** Brasília: Briquet de Lemos, 2016. p. 52-64.

FAYET-SCRIBE, S. Connaissez-vous Suzanne Briet? **Bulletin des bibliothèques de France (BBF)**, Paris, n. 1, p. 40-44, 2012. Disponível em: <<http://bbf.enssib.fr/consulter/bbf-2012-01-0040-007>>. Acesso em: 3 jul 2018.

FROHMANN, B. **Document, Index, Trace, and Death**: Briet's Antelope Lessons. [S.l.: s.n.], 2014. Disponível em: <[http://www.academia.edu/14052442/Document\\_Index\\_Trace\\_and\\_Death\\_Briet\\_s\\_Antelope\\_Lessons\\_February\\_25\\_2014](http://www.academia.edu/14052442/Document_Index_Trace_and_Death_Briet_s_Antelope_Lessons_February_25_2014)>. Acesso em: 3 jul. 2018.

GENTILE, A. M.; ZABALA, D. S. Contribución a una delimitación del concepto de cultura en los estudios de traducción. **Nueva ReCIT**: Revista del área de traductología, Córdoba, n. 1, 2018. Disponível em: <<https://revistas.unc.edu.ar/index.php/ReCIT/article/view/20184/19829>>. Acesso em: 3 jul. 2018.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

HABERMAS, J. Modernity versus postmodernity. **New German Critique**, [New York], n. 22, Special Issue on Modernism, p. 3-14, 1981.

HALL, S. Introduction. In: HALL, S.; GIEBEN, B. (Ed.). **Formations of modernity**. Oxford: Polity in association with Open University, 1992. p. 1-16.

HAMILTON, P. The Enlightenment and the birth of social science. In: HALL, S.; GIEBEN, B. (Ed.). **Formations of modernity**. Oxford: Polity in association with Open University, 1992. p. 17-69.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 21. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

KRÄMER, S.; BREDEKAMP, H. Culture, Technology, Cultural Techniques – Moving Beyond Text. **Theory, Culture & Society**, [Middlesbrough], v. 30, n. 6, p. 20–29, 2013.

KUMAR, K. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna**: novas teorias sobre o mundo contemporâneo. 2. ed. ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

MATTELART, A. **História da sociedade da informação**. 2. ed. rev. atual. São Paulo: Loyola, 2006.

ORTIZ, R. **Cultura e modernidade**: a França no século XIX. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. Tradução José Teixeira Coelho Netto. Revisão J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1977. (Estudos, n. 46).

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. 16. ed. Porto: Afrontamento, 2010.

TODOROV, T. **O espírito das Luzes**. São Paulo: Barcarolla, 2008.

WILLIAMS, R. **Cultura**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

WINTHROP-YOUNG, G. Cultural Techniques: Preliminary Remarks. **Theory, Culture & Society**, [Middlesbrough], v. 30, n. 6, p. 3–19, 2013.